

Educação e formação docente: uma visão a partir de Paulo Freire

Geralda Maria de Bem¹, Cícero Nilton Moreira da Silva², Maria Auricélia Gadelha Reges³

Resumo

A educação é fator primordial na vida do ser humano. Conforme Freire (2013), é humanizadora e conscientizadora. Freire aborda dois tipos de educação: a educação bancária, alicerçada no ensino transmissivo e fragmentário, tendo os educandos como receptores; e a outra, emancipatória, que compreende os educandos como seres ativos e reflexivos. Objetivou-se, neste artigo, refletir sobre as concepções de educação e formação docente. Utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica, a partir de Freire (2000, 2005, 2009, 2013), Imbernón (2016), Lopes e Amorim (2018), Scocuglia (2019). Freire defende uma formação permanente para os educadores, tendo em vista que o ser humano é um ser inconcluso, inacabado, necessitando compreender e acompanhar as mudanças que ocorrem na vida, no sistema educacional e nas relações que se estabelecem entre os homens e entre educação e sociedade. Concluímos, portanto, que a formação permanente é imprescindível ao trabalho docente, pois por meio dela o educador torna-se capaz de desenvolver sua prática pedagógica em que estejam presentes o diálogo, a escuta e o respeito aos diferentes saberes como elementos que contribuirão para uma leitura da realidade capaz de transformá-la.

Palavras-chave

Formação Permanente. Trabalho Docente. Prática Pedagógica.

¹ Mestra em Ensino pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil; professora da Rede Municipal de Ensino de Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: geraldabem@hotmail.com.

² Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Ceará, Brasil; professor adjunto da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Câmpus Pau dos Ferros, Brasil; membro do Núcleo de Estudos de Geografia Agrária e Regional (NuGAR/UERN) e do Núcleo de Estudos em Educação (NEEd/UERN). E-mail: ciceronilton@yahoo.com.br.

³ Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Ceará, Brasil; professora assistente na mesma instituição; membro do Grupo de Pesquisa Matemática e Ensino (MAES/UECE). E-mail: auriceliagadelha@yahoo.com.br.

Education and teacher formation: a vision based on Paulo Freire

Geralda Maria de Bem⁴, Cícero Nilton Moreira da Silva⁵, Maria Auricélia Gadelha Reges⁶

Abstract

Education is the primordial factor in the life of the human being. According to Freire (2013), it is humanizing and awareness-raising. Freire deals with two types of education: banking education, underpinned by a transmissive, fragmentary kind of teaching, which considers pupils as recipients; and the other, the emancipating one, which considers pupils as active, reflective beings. The aim of this work was to reflect on the conceptions of education and teachers training. The methodology used here was bibliographic research on Freire (2000, 2005, 2009, 2013), Imbernón (2016), Lopes & Amorim (2018), and Scocuglia (2019). Freire advocates a permanent training for educators bearing in mind that the human being is an unfinished, incomplete being, who needs to understand and to keep pace with the ever-changing aspect of life, in the educational system and in the relations established among men and between education and society. Therefore, we conclude that permanent training for educators is indispensable for the teacher's work, because it allows the educator to become capable of developing their pedagogical practice in a way that it encompasses aspects such as dialog, listening, and respect towards different kinds of knowledge as elements contributing to a reading of reality capable of transforming reality itself.

Keywords

Permanent Training. Teachers Work. Pedagogical Practice.

⁴ Master in Teaching, State University of Rio Grande do Norte, Brazil; teacher at the Municipal Education Network of Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brazil. E-mail: geraldabem@hotmail.com.

⁵ PhD in Geography, Federal University of Ceará, Brazil; adjunct professor at the State University of Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros Campus, Brazil; member of the Nucleus for the Study of Agricultural and Regional Geography (NuGAR/UERN) and of the Nucleus for Studies in Education (NEEd/UERN). E-mail: ciceronilton@yahoo.com.br.

⁶ PhD in Education, State University of Ceará, Brazil; assistant professor in the same institution; member of the Mathematics and Teaching Research Group (MAES/UECE). E-mail: auriceliagadelha@yahoo.com.br.

Introdução

Conceber a educação como foco de integração entre o ser humano e o mundo é um dos princípios abordados pela pedagogia libertadora defendida por Freire (2000, 2005, 2011, 2013), a qual enfatiza que o diálogo é de grande relevância para homens e mulheres, levando-os a se comunicarem com a realidade e a aprofundarem a sua tomada de consciência sobre ela. De acordo com Freire (2013), homens e mulheres são seres de relações que estão no mundo e com o mundo, abertos às realidades. Para ele, a educação é um encontro de interlocutores que procuram, no ato de conhecer, uma significação da realidade e, na práxis, o poder da transformação. Sendo assim, o educador é um ser construtivo de suas próprias ações e, através da sua experiência, busca desenvolver uma metodologia que tenha como ponto de partida a realidade dos seus educandos.

A educação, sob a ótica freireana, é de caráter transformador, de forma a possibilitar uma real mudança dos indivíduos, em que o conhecimento parte da realidade concreta, de homens e mulheres, de modo a reconhecerem o seu caráter histórico e transformador. Esse pensamento é reforçado quando Lopes e Amorim (2018, p. 272) afirmam que “o ser humano transcende para vários lugares e dimensões e essa capacidade inerente a cada um/a possibilita avançar, criar, recriar, imaginar, reimaginar, sonhar, agir, refletir, agir novamente, reagir e recriar”. É, pois, no decorrer da formação permanente que o professor vai paulatinamente refletindo sobre o seu fazer pedagógico, através dos processos de ação-reflexão-ação.

Isso posto, objetivou-se, por meio deste trabalho, refletir sobre as concepções de educação e de formação docente na concepção freireana. Adotamos como abordagem metodológica a pesquisa bibliográfica, valendo-nos de autores como Freire (2000, 2005, 2011 e 2013), Imbernón (2016), Lopes e Amorim (2018) e Scocuglia (2019), que tratam da temática em estudo com foco na educação e na formação docente, qual seja conscientizadora e comprometida com a formação crítica dos educandos. Nesse sentido, este artigo trata de uma revisão teórica a respeito da problemática entre educação e formação docente sob a perspectiva da educação libertadora de Paulo Freire. O desenvolvimento do texto está organizado em duas partes: na primeira, procuramos compreender a educação na concepção freireana e, na segunda, buscamos perceber a concepção de formação docente, a partir dos ensinamentos de Paulo Freire.

Concepções sobre educação na visão de Paulo Freire

A educação é vista por Paulo Freire como um ato de integração entre seres humanos e o mundo, através da qual ele evidencia que o diálogo possibilita a interpretação da realidade e permite aprofundar a sua tomada de consciência sobre ela. Diante desse contexto, o educador é um ser construtivo de suas próprias ações, fazendo-se necessário conhecer diferentes dimensões da educação – filosófica, ética, política, técnica – para que possa adquirir os conhecimentos necessários à prática pedagógica. Segundo Freire (2011, p. 68),

A educação é gnosiológica, é diretiva, por isso política, é artística e moral, serve-se de meios, de técnicas, envolve frustrações, medos, desejos. Exige de mim, como professor, uma competência geral, um saber de sua natureza e saberes especiais, ligados à minha atividade docente. Como professor, se minha opção é progressista e venho sendo coerente com ela, se não me posso permitir a ingenuidade de pensar-me igual ao educando, de desconhecer a especificidade da tarefa do professor, não posso, por outro lado, negar que meu papel fundamental é contribuir positivamente para que o educando vá sendo o artífice de sua formação com ajuda necessária do educador.

Dentro de sua pedagogia, Freire (2013) destaca duas concepções de educação. Uma por ele denominada de educação bancária, que nos mostra que o docente tem como objetivo transmitir os conteúdos para os estudantes, além disso, passando informações muitas vezes desconectadas da sua realidade. Dessa maneira, Freire afirma que (2013, p. 80) “a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante”. Ainda conforme essa visão, o educador será sempre aquele que sabe, ou seja, que possui a verdade sobre todo processo que permeia o ensino, enquanto que os educandos serão sempre os que não sabem, os que não têm oportunidade para questionar. Partindo desse pensamento, Freire (2013, p. 83) diz que

Não é de estranhar, pois, que nesta visão ‘bancária’ da educação, os homens sejam vistos como seres da adaptação, do ajustamento. Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos.

Enquanto a prática bancária implica numa espécie de alheamento ao que ocorre nas relações entre os seres humanos e entre eles e a realidade, numa espécie de anestesia a qual estimula a ingenuidade dos educandos e educandas, a educação problematizadora – segunda concepção de educação – traz na sua essência um olhar diferenciado, que possibilita aos

estudantes saírem da inércia, do papel de receptores e reprodutores do pensamento de outrem e passem a ser sujeitos conscientes dos condicionantes sociais, econômicos, políticos etc., e desenvolverem o senso crítico que os tornem capazes de exercerem a cidadania.

Para Freire (2013), a educação problematizadora é o oposto da educação bancária e se efetiva na medida em que incentiva a reflexão e a ação consciente e criativa das classes oprimidas em relação ao próprio processo de libertação delas. Enquanto a educação bancária mantém a contradição na relação educador-educando, a educação problematizadora realiza a superação.

Além disso, à medida que a educação bancária nega o diálogo como essência da educação, sendo, portanto, antidialógica, na educação problematizadora se faz presente a dialogicidade para realizar a superação da relação vertical entre educadores e educandos, mostrando-nos que o diálogo é fundamental para a educação do ser humano. Na educação humanizadora, possibilita-se o estímulo à relação coração e mente que, por intermédio do diálogo, compõem pressupostos necessários para desenvolver no aluno a construção da consciência crítica para agir sobre si mesmo e sobre o mundo (PRETTO; ZITKOSKI, 2016).

Nessa concepção, educadores e educadoras não são aqueles que depositam os conteúdos, nem os educandos e as educandas são aqueles que os recebem sem nenhuma liberdade para dialogar. Educadores/as são, pois, aqueles que, enquanto educam, são educados através do diálogo com os/as educandos/as, todos numa interação em que se faz presente o respeito aos diversos saberes.

Diante disso, percebe-se que o princípio básico da educação, numa concepção problematizadora, é o compromisso com a transformação social, por isso chamada também de educação libertadora. O processo de conscientização gerador de uma libertação coletiva, social e não somente individual reconhece que homens e mulheres são históricos e que utilizam da realidade como construção da sua própria concepção da vida social e política. Ainda de acordo com Freire (2013, p. 101),

A educação 'bancária', por óbvios motivos, insiste em manter ocultas certas razões que explicam a maneira como estão sendo os homens no mundo e, para isto, mistifica a realidade. A problematizadora, comprometida com a libertação, se empenha na desmistificação. Por isto, a primeira nega o diálogo, enquanto a segunda tem nele o selo do ato cognoscente, desvelador da realidade.

Freire (2013) defende que para homens e mulheres conquistarem a liberdade, um dos caminhos a percorrer é o da revolução, segundo a qual se dá uma abertura às massas populares e, por meio da formação da consciência crítica, podem adquirir confiança em si mesmas, buscando, dessa forma, uma luta que esteja contra o poder opressor, uma vez que os opressores se utilizam do poder para manter os oprimidos sem perspectiva de conquista.

O ser humano precisa buscar conhecimento e saber lutar por liberdade. De acordo com Freire (2013), a liberdade é uma conquista e não uma doação, isto é, exige uma permanente busca, sendo a partir dessa busca que homens e mulheres passam a lutar por um mundo mais justo. Por isso, a liberdade é fundamental para vencer esses obstáculos.

Quando os oprimidos não se reconhecem com capacidade de lutar por seus direitos e ficam alienados, se deixam levar pelos opressores. De fato, os oprimidos precisam lutar pela própria libertação, a fim de sair da alienação, superando o medo, em busca de novos horizontes, pois, ao se libertarem, serão percebidos pelos opressores, para os quais teriam de viver submissos à dominação. Sobre isso, Freire (2013, p. 62) aponta que,

É que, para eles, pessoa humana são apenas eles. Os outros, estes são “coisas”. Para eles, há um só direito – o seu direito de viverem em paz, ante o direito de sobreviverem, que talvez nem sequer reconheçam, mas somente admitam aos oprimidos. E isto ainda porque, afinal, é preciso que os oprimidos existam, para que eles existam e sejam “generosos”.

Assim, enfatizamos que os opressores possuem o poder de dominação através de vários instrumentos, como meios de comunicação de massa, equipamentos, terras, capital para pagar mão de obra, considerando os oprimidos como seres que não possuem conhecimentos para lutar em prol de uma vida digna que garanta a sobrevivência na sociedade em que estão inseridos. Para Freire (2005, p. 47), “o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é”.

De acordo com Freire (2000), a educação contribui para a formação crítica e conscientizadora do ser humano e se, de um lado, ela não é a alavanca das transformações sociais, de outro, estas não se fazem sem ela. Nesse sentido, nenhum ser humano pode ficar de fora dessa busca de conhecimento, pois, quanto mais se articula o conhecimento frente ao mundo, mais os educandos se sentirão desafiados a buscar respostas e, conseqüentemente, quanto mais incentivados, mais serão levados a um estado de consciência crítica e transformadora frente à realidade.

Assim, a pedagogia de Freire nos mostra a importância do processo de conscientização sobre as nossas ações no mundo, um processo de compreensão do funcionamento da sociedade, das relações de poder, da divisão da sociedade em classes, da supremacia do saber científico sobre outros tipos de saberes, da existência de uma ideologia que se torna dominante porque se reproduz através dos meios de comunicação, dos livros didáticos, dos discursos e dos documentos que manipulam as informações. Ou seja, mostra que é preciso lutar e discutir sobre os problemas sociais nos diversos contextos vivenciados por educandos e educadores. Assim, a contribuição do educador pernambucano continua presente, principalmente nas experiências populares dos movimentos sociais.

Desse modo, pode-se afirmar que, na concepção de Freire, a educação é, sobretudo, um processo político de conquista da cidadania, no qual as pessoas excluídas de seus direitos sociais, civis e políticos podem ter acesso a bens culturais que possibilitam uma ampliação da compreensão da realidade e que fortalecem a conquista e a garantia desses direitos.

O reconhecimento da educação como processo político nos leva a refletir sobre a formação dos que nela estão envolvidos, ou seja, sobre como ocorrem as relações entre formadores e formandos. Nesse sentido, considerando que a formação docente possibilita aos educadores exercerem a sua prática pedagógica de modo a propiciar aos educandos a apropriação de conhecimentos necessários à atuação na sociedade de forma consciente e crítica, buscou-se conhecer a concepção de formação docente em Paulo Freire.

Formação docente: um olhar a partir dos ensinamentos de Paulo Freire

Pensar numa educação problematizadora requer um olhar para a formação docente, de forma que ela também seja emancipatória, através da qual se permita desenvolver a capacidade de busca pela transformação da realidade. Por meio da experiência educativa, o professor é capaz de conhecer as diferentes dimensões que caracterizam a essência da prática e de reinventar também a forma histórica de lutar contra as desigualdades existentes na sociedade atual.

Para Freire (2006), o educador deve assumir a postura de criticidade, já que a principal finalidade da sua pedagogia é estimular os sujeitos a lutar em prol da própria libertação. Uma das necessidades formativas do educador é ter postura crítica para enfrentar os problemas existentes no contexto educativo. Para isso, o diálogo é fundamental na relação educador e educando, pois eles devem ser considerados como sujeitos cognoscentes a respeito

de suas realidades. A partir dessa visão, Paulo Freire (2009, p. 86, grifos do autor) afirma que “o fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é *dialógica*, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala, ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam *epistemologicamente curiosos*”.

Nessa perspectiva, educadores e educadoras, sob a ótica freireana, devem ter como objetivo possibilitar o desenvolvimento do senso crítico, a compreensão da realidade, incentivando educandos e educandas a refletirem sobre os aspectos que permeiam o seu cotidiano, proporcionando atividades desafiadoras que provoquem a curiosidade em busca do saber. Para Freire (2011, p. 28), “o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”. Portanto, é importante ressaltarmos que não pode existir a dissociação entre pesquisa e ensino. É inerente à formação e à atividade docente a presença da indagação, da busca pela pesquisa, conduzindo educandos e educandas à percepção de sua natureza histórica e de inconclusão, levando-os/as à conscientização de que também são agentes pesquisadores do seu processo educativo.

Na perspectiva da educação cidadã, educadores e educadoras, ao assumirem suas práticas pedagógicas, assumem também a função de pesquisadores, visto que, conforme Freire (2011, p. 30), “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no corpo do outro”. Nesse sentido, a docência implica a busca, a indagação, a investigação para que, ao pesquisar, se constate e, ao constatar, intervenha-se na realidade. O papel do educador é, além de problematizar os conteúdos, proporcionar aos educandos o ato de pensar criticamente. Freire (2011) reconhece que a docência-discência, desenvolvida criticamente, favorece a construção da curiosidade, possibilitando a compreensão do objeto de estudo em seus múltiplos aspectos a partir da interação sujeito-sujeito e dos fatores que condicionam seu caráter histórico.

Na ação de provocar nos educandos a curiosidade, a busca e a pesquisa, necessário se faz constantemente o diálogo por meio dos questionamentos e da escuta. A sala de aula não é apenas o lugar de transmissão do conhecimento, visto que o saber escutar é fundamental para contribuir na autonomia dos educandos.

Porém, na compreensão de Imbernón (2016, p. 52), no contexto de hoje, no ato do exercício profissional, educadores e educadoras devem assumir

Um caráter mais relacional, mais cultural-contextual e comunitário, onde adquire importância a interação entre os colegas e todas as pessoas

vinculadas à comunidade ou às redes de intercâmbio. O século XXI configura uma nova forma de ser professor, uma vez que este tem de participar ativa e criticamente em seu contexto e transmitir aos futuros cidadãos e cidadãs certos valores e certas formas de comportamento democrático, igualitário, que respeite a diversidade cultural social, o meio ambiente, etc. E isso custa mais que antes.

Nesse sentido, entendemos que a educação se materializa como forma de intervenção quando o educador reconhece a importância de sua ação política, uma prática progressista centrada na conscientização dos sujeitos, a qual pode evoluir da condição de ingenuidade para a de criticidade.

Na obra *Professora sim, tia não*, Freire (2006) ressalta que educadores e educadoras são profissionais que, além de necessitarem de embasamento científico e de seriedade, devem demonstrar amor aos alunos e à profissão. É importante, também, que lutem por seus interesses, mostrando que é essencial dizer não à burocratização. Observamos que ser educador implica assumir uma profissão, não podendo ficar distante dos seus alunos, já que essa ausência dificultaria o processo de ensino-aprendizagem.

Freire (2006) afirma que a identificação da figura da professora com a da tia significa, pelo contrário, retirar algo fundamental à professora, ou seja, sua responsabilidade profissional e sua luta política por sua formação permanente. Podemos dizer que a tentativa de reduzir a professora à condição de tia é uma “armadilha” ideológica. Assim, “tenta-se adotar a vida da professora, o que se tenta amaciar a sua capacidade de lutar ou entretê-la no exercício de suas tarefas fundamentais” (FREIRE, 2006, p. 25). Entre elas, por exemplo, a de desafiar seus alunos a compreender a essência entre discurso e prática.

A afetividade faz parte das interações entre educadores e educandos, porém, deve-se compreender a docência como atividade profissional, que exige conhecimentos específicos para o seu exercício. A escola, como um espaço de relações, de amorosidade e de apropriação de conhecimentos, deve também ser espaço de formação que permita interação com o seu entorno, com a comunidade.

Contudo, educadores e educadoras, ao mediar suas aulas, estão constantemente aprendendo junto a seus alunos por intermédio das questões levantadas, das descobertas e do debate no cotidiano escolar. Assim, destaca-se a importância do diálogo para Freire (2013, p. 228): “o diálogo, que é sempre comunicação, funda a co-laboração. Na teoria da ação dialógica, não há lugar para a conquista das massas aos ideais revolucionários, mas para a sua adesão. O diálogo não impõe, não maneja, não domestica, não sloganiza”. Com isso, Freire nos mostra que dialogar é essencial, também, entre os responsáveis pela mediação do saber,

haja vista que a troca de conhecimentos é um fator importante na busca de novos saberes, ou seja, educar é uma ação que demanda interação entre pessoas e não pode ser praticada isoladamente.

Desse modo, há uma conexão entre ensinar e aprender, posto que é preciso que o educador esteja constantemente em busca de novos conhecimentos. Numa concepção libertadora de educação há, por parte do educador, o respeito ao educando e o incentivo ao desenvolvimento de sua autonomia. Em face disto, Freire (2011, p. 63) afirma que

Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também, como já salientei, em como ter uma prática educativa em que aquele respeito, que sei dever ter ao educando, se realize em lugar de ser negado. Isto exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educandos.

Dessa forma, cabe aos educadores e educadoras, ao mediar os objetos de conhecimento, possuírem uma escuta sensível e atenta aos estudantes para que estes expressem suas ideias, suas percepções, suas descobertas, visto que, quanto mais se parte do que já sabem ou até de suas dúvidas, mais rica será a discussão no decorrer das aulas. A mediação dos conteúdos pode ser enriquecida por meio de recursos didáticos ou técnicas que possibilitem maior interação, oportunidade de pesquisas, etc. que sejam relevantes para sua aprendizagem.

Nessa direção, a formação docente é fundamental para o aperfeiçoamento da prática. De acordo com Gadotti (2013, p. 160), para Paulo Freire, “a educação é uma prática social que se realiza em espaços para além da escola e enquanto prática social, presente em diferentes espaços, cada vez mais precisamos da construção coletiva”.

Segundo Imbernón (2016, p. 157), “a formação é entendida como um processo de autodeterminação baseado no diálogo, à medida que se implanta um tipo de compreensão compartilhada pelos participantes sobre as tarefas profissionais e os meios para melhorá-las”. Assim sendo, é preciso levar em consideração a experiência e os saberes dos educadores, bem como o diálogo entre o formador e o formando, visto que o profissional almejado por Freire é aquele que se porta como ator social imbricado com a educação na sociedade.

Nessa perspectiva, Scocuglia (2019, p. 100) afirma que “a formação dos educadores e educadoras, além da competência técnica, compreende o aprendizado político inerente a

todas as escolhas e decisões – que vão desde o livro didático até a mobilização por melhores salários”.

Desse modo, educadores e educadoras comprometidos com uma educação emancipatória buscam estratégias para estimular seus alunos a lutarem por um mundo menos injusto, menos discriminatório. Para isso, a formação permanente do educador, centrada na ética universal do ser humano, possibilita a inserção dos elementos socioculturais produzidos no processo histórico. Salientamos, ainda, que a educação conscientizadora parte de situações concretas envolvendo educador e educando na definição dos rumos dos processos de ensino e de aprendizagem.

Paulo Freire defende uma formação permanente para os educadores, tendo em vista que o ser humano é um ser inconcluso, inacabado, necessitando sempre compreender e acompanhar as mudanças que ocorrem na dinâmica da vida, no sistema educacional e nas relações que se estabelecem entre os homens e, principalmente, entre educação e sociedade.

Diante do exposto, verifica-se que Freire destaca a presença do diálogo na formação de professores, como também o trabalho coletivo, a interação, a troca de saberes, o desenvolvimento da autonomia e a reflexão sobre a prática no sentido de problematizá-la. Nesse sentido, para o desenvolvimento da docência, urge a apropriação de sólida formação teórico-metodológica fundamentada no pressuposto da teoria crítica da educação.

Considerações finais

Não se pode negar a contribuição de Paulo Freire para a educação brasileira, como também para a formação docente. Esse educador associa a educação à vida, ao funcionamento da sociedade, aos contextos locais e globais, de forma que defende um processo educativo libertador, emancipatório, que possibilite aos cidadãos a capacidade de sentirem-se sujeitos atuantes, que intervêm no mundo.

Sabemos que Paulo Freire, por meio de suas obras, contribuiu para a criação de pedagogias que priorizam o desenvolvimento da consciência crítica, estabelecendo uma nova relação entre educador e educando, com o propósito de que esse último se aproprie dos saberes universais acumulados pela humanidade. O modelo de educação proposto por Paulo Freire se diferencia da educação tradicional, pois considera opressora e desumana a dependência dominadora, que inclui, dentre outras, a relação vertical entre educador e educando, numa atitude de desrespeito e de alienação.

Este estudo possibilitou reflexões acerca da contribuição dos ensinamentos de Paulo Freire para a educação e a formação docente, no que diz respeito à pedagogia libertadora, a qual tem como cerne o diálogo, tido como fundamental na interação entre educador e educando, com ênfase numa educação humanizadora. Por isso, quanto mais o educando é desafiado a buscar respostas, mais será orientado a um estado de consciência crítica e transformadora frente à realidade. Essa relação dialógica é cada vez mais incorporada à proporção que educadores e educandos se fazem sujeitos do seu processo.

Freire (2009), em relação à formação docente, defende que ela seja permanente e abrangente, envolvendo todos os aspectos da vida humana: o intelectual, o emocional, o social, etc. Uma formação permanente compreendida como um processo de constante reflexão, não só no sentido técnico, mas também no sentido político, ou seja, uma reflexão crítica sobre a prática docente. Desse modo, esse processo de reflexão deve estar presente em todos os momentos da vida dos educadores e dos educandos. A tomada de consciência sobre os “para quê”, “por quê” e “a quem interessa determinada situação” é constante diante da realidade que se apresenta.

Este estudo demonstrou, portanto, que a formação permanente é uma condição necessária ao trabalho docente. Através dessa formação é que o professor adquire conhecimentos que são indispensáveis ao desenvolvimento de sua prática pedagógica na socialização com os grupos de trabalho e para a compreensão de que o que se apresenta na realidade não são determinações, mas condições que podem ser reafirmadas ou transformadas a partir do processo de conscientização e das lutas advindas dele. A luta pela igualdade, pela justiça, pela humanização dos envolvidos no ensino-aprendizagem é o foco principal do processo educativo.

Referências

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**: carta a quem ousa ensinar. 17. ed. São Paulo: Olho D'Água, 2006.

GADOTTI, M. O trabalho coletivo como princípio pedagógico. **Rev. Lusófona de Educação**, Lisboa, n. 24, p. 160-163, 2013. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-72502013000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 4 dez. 2020.

IMBERNÓN, F. **Qualidade do ensino e formação do professorado**: uma mudança necessária. São Paulo: Cortez, 2016.

LOPES, E. J.; AMORIM, R. M. **Paulo Freire**: culturas, ética e subjetividade no ensinar e aprender. João Pessoa: Editora do CCTA, 2018.

PRETTO, F. L.; ZITKOSKI, J. J. Por uma educação humanizadora: um diálogo entre Paulo Freire e Erich Fromm. **Revista de Ciências Humanas**, Frederico Westphalen, v. 17, n. 29, p. 46-65, dez. 2016. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistadech/article/view/2225>. Acesso em: 5 dez. 2020.

SCOCUGLIA, A. C. **A história das ideias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas**. 7. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2019.

Submetido em 27 de junho de 2021.

Aprovado em 20 de agosto de 2021.